

COMO TIRAR PROVEITO
DE SEUS INIMIGOS

Plutarco

Seguido de *Da Maneira de Distinguir*
o Bajulador do Amigo

Prefácio e notas
PIERRE MARÉCHAUX

Tradução
ISIS BORGES B. DA FONSECA

Martins Fontes
São Paulo 1998

Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, 1997, para a presente edição.
Copyright © Éditions Payot et Rivages, 1993, para o aparelho crítico

1ª edição
março de 1997
2ª tiragem
maio de 1998

Esta obra foi traduzida do grego por
ISIS BORGES B. DA FONSECA
Preparação do original
Maurício Balthazar Leal

Revisão gráfica
Teresa Cecília de Oliveira Ramos

Lilian Jenkino

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação/Fotolitos

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Capa

Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plutarco

Como tirar proveito de seus inimigos, seguido de Da
maneira de distinguir o bajulador do amigo / Plutarco ;
prefácio e notas Pierre Maréchaux ; tradução Isis Borges
B. da Fonseca. – São Paulo : Martins Fontes, 1997. –
(Coleção Clássicos)

ISBN 85-336-0592-7

1. Plutarco – Crítica e interpretação 2. Plutarco – Ética
I. Maréchaux, Pierre. II. Título. III. Título: Da maneira de
distinguir o bajulador do amigo. III. Série.

97-1036

CDD-171

Índices para catálogo sistemático:

1. Plutarco : Sistemas éticos : Filosofia moral 171

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330/340

01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (011) 239-3677 Fax (011) 3105-6867

e-mail: info@martinsfontes.com

<http://www.martinsfontes.com>

Índice

<i>Nota preliminar (da edição francesa)</i>	VII
<i>Prefácio de Pierre Maréchaux</i>	IX
<i>Bibliografia sumária</i>	XXXI
<i>Cronologia</i>	XXXIII
Como tirar proveito de seus inimigos.....	1
Da maneira de distinguir o bajulador do amigo.....	25
<i>Notas</i>	109

*Dedicatória: a administração política, fonte
fecunda de inimizades e de ódios.*

1. Vejo, Cornélio Pulquério¹, que escolheste a maneira mais doce de governar o Estado: sempre a te esforçares em servir a comunidade, mostras uma grande benevolência para com aqueles que em particular te dirigem solicitações². Pode-se certamente encontrar um país onde não haja animais ferozes, como, entre outras coisas, se fala a respeito de Creta³, mas já se viu uma administração política que não tenha exposto aqueles que a exerciam ao ciúme de seus rivais, à inveja e à concorrência, paixões muito férteis em inimizades (aliás, na falta de outras causas, as amizades reservam-nos inimizades. Tal era a opinião do sábio Quílon⁴, quando ele perguntava a um homem que se vangloriava de não ter inimigo se também não tinha amigo)? As meditações de um homem de Estado devem apoiar-se, parece-me, na questão dos inimigos encarada sob todas essas faces; e deve-se ter atribuído um vivo interesse a esta

sentença de Xenofonte⁵: que “é próprio de um homem ponderado tirar proveito de seus inimigos”. Em conseqüência, as conversas que tive recentemente sobre essa matéria, reuni-as aproximadamente nos mesmos termos e envio-as a ti. Tanto quanto possível, abstive-me de inserir o que tinha escrito em meus *Preceitos políticos*⁶, pois vejo que tens frequentemente esse tratado entre as mãos.

Visto que é impossível não ter inimigo, é preciso saber tirar proveito dessa situação.

2. Os primeiros homens limitavam-se a não cair entre as garras de seres selvagens de uma espécie diferente da sua, e aí estava o objetivo dos combates que eles travavam com animais selvagens. Depois, seus descendentes aprenderam a utilizá-los; aliás, não tiram proveito disso, quando se servem de sua carne para se alimentar, de seu pêlo para se vestir, de seu fel e de seu coalho para se tratar, de seu couro para se armar? Em conseqüência, se os animais ferozes tivessem vindo a faltar à raça humana, é de recear que sua vida se tivesse tornado selvagem, indigente e bárbara⁷. Por conseguinte, visto que os homens comuns se limitam a evitar a má vontade de seus inimigos, e que os ponderados, no dizer de Xenofonte⁸, tiram proveito de seus adversários, não ponhamos sua palavra em dúvida, mas procuremos um método, uma arte, graças aos quais os seres

incapazes de viver sem inimigos tirarão algum expediente vantajoso.

O lavrador não pode tornar fecunda qualquer árvore, nem o caçador, domar o primeiro animal que chegar; eles procuram, então, outros meios de tirar proveito, o primeiro, da esterilidade vegetal; o segundo da selvageria animal. A água do mar é pouco portátil e tem mau gosto; mas sustenta os peixes, favorece os trajetos em todos os sentidos, é uma via de acesso e um veículo para aqueles que a utilizam⁹. Quando o sátiro contemplou pela primeira vez o fogo, desejou beijá-lo e abraçá-lo; então, Prometeu lhe disse:

“De tua barba de bode chorarás a perda.”¹⁰

O fogo queima quem o toca; mas fornece luz e calor, serve a uma infinidade de usos para aqueles que sabem utilizá-lo. Examina igualmente teu inimigo: esta criatura, de um outro lado, nociva e intratável, não dá, de alguma maneira, ensejo de ser apanhada? Não pode prestar-se a algum uso particular? Não é útil? Muitas coisas são igualmente penosas, detestáveis, hostis, quando se encontram no nosso caminho. Entretanto, notas que certos homens converteram sua doença numa doce inação física. Muitos outros se fortificaram e se tornaram resistentes sob o império das provocações que tiveram de sofrer, ao passo que a perda de sua pátria e a privação de seus bens conduziram raros eleitos a um lazer

dedicado ao estudo e à filosofia. Foi a direção que tomaram Diógenes¹¹ e Crates¹². Zenon¹³, ao contrário, sabendo que o navio fretado por ele tinha naufragado, exclamou: “Fazes bem, fortuna, em me reconduzires ao burel dos filósofos!” É a mesma coisa para esses animais cujo estômago é dos mais encorreados e cuja saúde é das mais vigorosas; não engolem e não digerem serpentes e escorpiões? Aliás, outras espécies se nutrem de seixos e de conchas, transformando-os pela força e pelo calor de seu sopro vital. Em compensação, os indivíduos delicados e doentios têm dificuldades em suportar um pouco de pão ou de vinho sem ter vontade de vomitar. Assim os imbecis maltratam suas amizades, enquanto os homens sensatos sabem dirigir para seu proveito mesmo as inimizades.

Visto que nosso inimigo observa curiosamente nossas ações, é necessário que estejamos atentos a nós mesmos, e essa vigilância transforma-se insensivelmente em hábito de virtude. A emulação é uma contenção moral.

3. Em primeiro lugar, parece-me que o mais prejudicial na inimizade pode tornar-se o mais proveitoso, se se quer atentar nisso. E de que maneira? É que teu inimigo, continuamente atento, espia tuas ações; na expectativa da menor falha, fica à espreita, em torno de tua vida, não vendo somente “através dos

carvalhos”, como fazia Linceu¹⁴, nem “através de pedras e telhas”, mas também através de teu amigo, teu doméstico, e todos aqueles com quem tiveres familiaridade, para apanhar de surpresa, tanto quanto lhe for possível, o que farás, e aprofundar ou sondar tuas resoluções¹⁵. Com efeito, acontece frequentemente que nossos amigos adoecem e agonizam, sem que saibamos, enquanto lhes damos prova de desinteresse e de negligência. Tratando-se de nossos inimigos, ao contrário, vamos quase em busca de seus sonhos. Doenças, dívidas ou brigas conjugais escapam mais facilmente à memória de seus servidores imediatos que à de seu adversário. Mas é sobretudo aos erros que este se prende, e vai ao seu encalço; e da mesma maneira que os abutres são atraídos pelo odor das carcaças pútridas, mas não sentem o odor dos corpos sãos e vigorosos, assim também as partes de nossa vida que são doentias, fracas, afetadas atraem nosso inimigo; de fato, os que nos demonstram aversão investem contra elas a passos largos, tomam-nas de assalto e despedaçam-nas. É isso então uma coisa efetivamente útil? Sim, sem nenhuma dúvida. Isso obriga a viver com cautela, a prestar atenção em si, a nada fazer nem nada dizer estouvada e irrefletidamente, mas a manter continuamente sua vida resguardada de uma eventual crítica, como se se tratasse de observar um regime draconiano. De fato, essa maneira reservada, que reprime as paixões da alma e refreia os desvios do raciocínio, inspira o cuidado e a

vontade de viver de maneira virtuosa e irrepreensível¹⁶. Com efeito, as cidades, que guerras de vizinhança e contínuas expedições militares tornaram sensatas, chegam a amar boas leis e uma política salutar: da mesma maneira os homens, compelidos por certas inimizades a levar uma vida sóbria, a resistir à facilidade e à presunção, a atribuir um fim útil a cada uma de suas ações, são levados, sem saber, rumo à infalibilidade, e seus costumes adquirem uma regularidade edificante, por pouco que a razão venha em seu auxílio. O pensamento:

“Que prazer para Príamo e os filhos de Príamo!”¹⁷

quando o temos sempre no espírito, desvia, afasta, distancia de tudo o que pode alegrar os inimigos e suscitar seu riso. Considera os artistas que figuram nas Dionisíacas: nós os vemos relaxados e indolentes em representações desprovidas de rigor, quando no teatro estão apenas entre eles; mas todas as vezes que há concurso e rivalidade com outros grupos, eles redobram a atenção não só na interpretação de seus papéis, mas também no uso dos instrumentos de música: afinam-nos, cuidam mais minuciosamente da harmonia do concerto e do acompanhamento das flautas¹⁸. Em conseqüência, aquele que sabe que seu inimigo é um concorrente, tanto no plano da conduta como no da reputação, presta mais atenção em si, olha o efeito de seus atos com circunspeção, regula melhor sua conduta. Com efeito, é igualmente uma

particularidade do vício ter mais vergonha dos inimigos que dos amigos, quando se age mal. Donde esse dito de Násica¹⁹, quando pessoas pensavam e diziam que o poderio romano estava doravante fora de perigo, após a destruição de Cartago e a sujeição da Grécia: “Pois bem! É agora”, disse ele, “que estamos em perigo, porque não deixamos a nós mesmos rivais que possam inspirar-nos temor ou vergonha.”

A inveja de nossos inimigos é um contrapeso à nossa negligência. Além disso, nós nos vingamos utilmente de um inimigo afligindo-o com o nosso próprio aperfeiçoamento moral.

4. Acrescenta ainda a isso a resposta de Diógenes, tão digna de um filósofo e de um homem de Estado: “Como me defenderei contra meu inimigo? – Tornando-te tu próprio virtuoso.”²⁰ Se vêem que são apreciados os cavalos de seu inimigo e elogiados seus cães, as pessoas lamentam-se. Se vêem suas terras bem cultivadas e seu jardim florido, experimentam uma grande tristeza. Que sucederá, em tua opinião, se dás prova de equidade, de bom senso, de solicitude, de probidade nos discursos, de integridade em teus atos, de decência em tua conduta, “colhendo os frutos em teu coração dos enormes sulcos, teatro de crescimento de nobres desígnios”²¹?

“Vencidos, os homens são acorrentados a seu mutismo”²², diz Píndaro; essa observação não é nem

absoluta nem válida para todos, mas concerne aos que se vêem vencidos por seus inimigos em vigilância, em civismo, em grandeza de alma, em beneficência e em humanidade. Eis o que “paralisa a língua”, como diz Demóstenes, “fecha a boca, sufoca, faz calar”²³.

“Sê diferente dos maus, isso depende de ti.”²⁴

Queres mortificar aquele que te odeia? Não o trates de homossexual, de efeminado, de dissoluto, de truão ou de mesquinho; mas comporta-te realmente como homem, sê moderado, diz a verdade, procede humanamente e com justiça com aqueles que encontras. Mas se crês que és obrigado a chegar às injúrias, afasta-te o mais possível das desordens que lhe atribuis. Sonda o âmago de tua alma, examina suas falhas, para não te expores a ouvir dizer baixinho, por algum vício oculto não se sabe onde em ti mesmo, este verso do poeta trágico:

“Queres curar outrem, quando regurgitas de úlceras!”²⁵

Tu o tratas de ignorante? Redobra em ti o ardor pelo trabalho e o gosto pelas ciências. De covarde? Reaviva tua audácia e tua bravura. De lascivo e de dissoluto? Apaga de tua alma todo vestígio de tendência à volúpia que ela pode ter conservado secretamente. Com efeito, nada seria mais vergonhoso nem mais mortificante que ver recair sobre si a censura que se teria feito a outrem; mas os olhos fracos

parecem ser feridos mais vivamente pela reverberação da luz, e os acusadores pelas acusações que a verdade faz recair sobre eles. Exatamente como o vento do norte reúne as nuvens, uma conduta má atrai a si justas censuras.

Não atribuíamos a outrem defeitos que possuímos.

5. Todas as vezes que Platão se tinha encontrado no meio de homens de costumes dissolutos, costumava não deixá-los dizer a si mesmo: “Não sou eu próprio, por acaso, um de seus semelhantes?”²⁶ Se aquele que censurou amargamente a conduta de um outro examinar logo a sua e a refizer, dando-lhe um desvio e uma direção em sentido inverso, colherá os frutos de suas injúrias. De outra maneira, elas parecerão ser inúteis e vãs, e, com efeito, são. A multidão comumente ri, sem dúvida, se vê um calvo ou um corcunda difamar ou escarnecer um outro sobre suas deformidades, mas é absolutamente ridículo ousar fazer ao próximo uma censura que ele pode fazer voltar contra nós. Assim, Leão de Bizâncio, injuriado por um corcunda a propósito de sua vista fraca, respondeu-lhe: “Atribuis-me a responsabilidade de uma desgraça muito humana, quando trazes sobre tuas costas as marcas da vingança celeste.” Não acuses, portanto, um homem adúltero se és louco pelos jovens, nem um ser dissipador de sua fortuna se és avaro.

“De uma mulher homicida²⁷ és irmão pelo sangue”²⁸, dizia Alcmeão a Adrasto. Que lhe respondeu ele? Censurou-lhe não o crime de um outro, mas o seu próprio crime:

“Por tua mão pereceu a mãe que te fez nascer.”²⁹

Domício diz a Crasso: “E tu, não é verdade que, quando morreu uma lampreia que mandavas alimentar num viveiro, choraste?” O outro então retorquiu: “Mas tu, não é verdade que, por ocasião do enterro respectivo de tuas três mulheres, não derramaste uma lágrima?”³⁰ Crês que para ter direito de censurar basta ser homem de espírito, falar com voz forte e tom categórico? Não, é preciso estar resguardado de toda acusação e de toda censura. Com efeito, a nenhum outro, parece, o deus recomenda tanto a prática do “conhece-te a ti mesmo” como ao homem que se intromete em censurar outrem, recendo que, dizendo tudo o que lhe agrada, se exponha a ouvir coisas que lhe desagradam. Com efeito, segundo Sófocles, “acontece comumente” que tais personagens

“não se dominando em sua vã tagarelice, ouvem empregar contra a sua vontade a linguagem que tinham mantido com prazer sobre um outro”³¹.

Maneiras de receber as censuras de outrem.

6. Eis o que há de útil e de proveitoso nas admoestações que se fazem a um inimigo; mas o fato não é menos verdadeiro em sentido contrário: quando se é vítima das injúrias e das críticas de seus inimigos. Por isso, Antístenes dizia com razão que, para os que se preservam, há necessidade de amigos sinceros e inimigos ardentes: uns nos afastam do mal por suas advertências, os outros, por sua censura³². Mas visto que hoje a amizade só eleva fracamente a voz, quando se trata de falar com franqueza, e que, verbosa na lisonja, é silenciosa nos conselhos, é da boca de nossos inimigos que nos é preciso ouvir a verdade. Com efeito, assim como Télefo, não podendo ser tratado pelos seus, entregou seu ferimento à lança do inimigo, assim também aqueles que não podem usufruir advertências favoráveis devem forçosamente escutar com paciência as censuras de um inimigo³³, se ele denuncia e reprime seus vícios, e deter-se menos na má intenção que o dirige do que no serviço real que ele lhes presta. Um homem queria fazer perecer Prometeu, o Tessálio³⁴. Feriu-o com sua espada e furou um flegmão, de sorte que lhe salvou a vida, livrando-o desse abcesso que se abriu. Tal é muitas vezes o efeito de uma maldicência ditada pela cólera ou pela inimizade: ela cura nossa alma de uma doença insuspeita que tínhamos negligenciado. Mas as pessoas, em sua maior parte, quando são censuradas, não procuram saber se es-

sas reprimendas têm fundamento, mas usam recriações e acusam seu agressor de um vício diferente. Imitam nisso a artimanha de lutadores em combate com a poeira: no lugar de se livrarem pessoalmente dos defeitos estigmatizados por seus inimigos, borrifam-se mutuamente com eles, de sorte que, na peleja em que sucumbem alternadamente, se acham então enodoados e enegrecidos. Não seria mais razoável, nessas ocasiões, corrigir o vício que nos censuram, com maior cuidado do que se tivéssemos de nosso manto uma nódoa que nos tivessem mostrado? Se nos atribuem defeitos que não temos, devemos procurar a causa dessa calúnia, e aplicar-nos, a poder de vigilância e apreensão, em não cometer, sem sabermos, uma falta semelhante ou análoga àquela que nos censuram. Assim, Lácides, o rei de Argos, como sua cabeleira era penteada com demasiado cuidado, e andava com excessiva delicadeza, tornou-se suspeito de frouxidão: o mesmo aconteceu com Pompeu³⁵, que tinha o costume de coçar a cabeça com um dedo só; entretanto, ele estava muito longe de mostrar-se efeminado ou um devasso desenfreado. Acusou-se Crasso³⁶ de manter uma ligação com uma das virgens sagradas³⁷ porque, desejando comprar-lhe uma bela propriedade, lhe fazia uma corte assídua, sem testemunhas, e a cumulava de amabilidades. Postúmia, muito pronta para rir e ousada demais para falar com os homens, foi desacreditada a ponto de ser acusada de impudicícia. É verdade que foi inocentada;

mas, ao termo da absolvição, o grande pontífice Espúrio Minúcio fê-la lembrar-se subsidiariamente de que tinha de ser tão reservada em seus discursos quanto em sua conduta. Quanto a Temístocles, que foi reconhecido inocente, tornou-se suspeito de traição em virtude de sua amizade com Pausânias e das cartas freqüentes que ele lhe enviava³⁸.

Não se devem desprezar as censuras, mesmo que elas não sejam fundadas.

7. Em conseqüência, se se diz de ti algo falso, não debes desprezá-lo ou negligenciá-lo, por ser mentira. Examina ao contrário em tuas palavras, tua conduta, tuas atividades de predileção, tuas relações, tudo o que pôde servir de pretexto à calúnia, depois resguarda-te disso e foge! Com efeito, se outros, vítimas de infortúnios imprevistos, tiraram daí lições proveitosas, assim como ensina Mérope:

“O infortúnio, é verdade, deu-me a sabedoria,
mas ao preço de seres caros, objetos de minha ternura”³⁹,

que nos impede de tomar as lições gratuitas de um inimigo e tirar partido disso para aprender uma parcela do que nos escapa? De fato, em muitos pontos a clarividência do inimigo é maior que a do amigo – “o amor é cego a respeito do que ele ama”⁴⁰, como diz Platão; o ódio une a intemperança da língua ao

gosto dos tagarelas. Hieron foi censurado por um de seus inimigos por ter mau hálito; de volta a casa, disse à sua mulher: “Que significa isto? Por que não me falaste jamais a respeito de tal coisa?” Mas ela, que era tão simples quanto casta, respondeu-lhe: “Achava que todos os homens cheiravam da mesma maneira.” Assim, é por nossos inimigos mais que por nossos amigos e familiares que podemos tomar consciência de nossas manias, de nossas fraquezas corporais e de nossos defeitos mais diretamente perceptíveis.

É preciso suportar com doçura as brincadeiras e as maledicências: essa paciência é um meio muito eficaz de aprender a dominar sua língua.

8. Mas deixemos essa questão para tratar do domínio que se deve exercer sobre a própria língua: não está aí uma parte diminuta da virtude. Ora, ficar-se-á impossibilitado de manter sua língua sob o controle e a autoridade da razão se, a poder de exercício e de trabalho assíduo, não se triunfou das mais detestáveis paixões tais como a cólera, por exemplo. O discurso que jorra involuntariamente, a

“palavra que dos dentes transpôs a barreira”,

e o fato de que

“certas expressões levantam vôo espontaneamente”⁴¹,

isso acontece geralmente aos espíritos comuns que seguem sua inclinação e flutuam ao sabor de sua pusillanidade, de seu julgamento débil, de sua conduta irrefletida. Ora, a palavra, coisa volatílíssima, expõe-nos, como nos ensina o divino Platão, aos mais pesados castigos que deuses e homens podem infligir⁴². Mas o silêncio jamais tem contas a dar; não só não causa sede, como o diz Hipócrates⁴³, mas dá ao homem difamado um traço de nobreza, uma marca socrática, ou mais exatamente uma qualidade heracliana, se é verdade que esse herói

“não se inquietava mais com as calúnias do que com [uma mosca zumbidora]”⁴⁴.

Nada é mais nobre, seguramente, nada é mais belo que essa atitude tranqüila diante dos insultos do inimigo:

“Suportam-se muitas graças passando como um marinheiro ao largo dos escolhos”⁴⁵,

mas o exercício aí levado a efeito tem maior mérito. Uma vez acostumado a suportar em silêncio as injúrias hostis, suportarás mais facilmente os arrebatamentos de uma mulher que te injuria, ouvirás sem emoção as palavras ofensivas de um amigo ou de um irmão; e quando teu pai ou tua mãe te derem pancadas ou te lançarem algum objeto no rosto, aceitarás a ofensa sem cólera e sem ressentimento.

Sócrates suportava Xantipa⁴⁶, que era irritável e acrimoniosa, a fim de que o hábito que com isso adquirisse o tornasse mais doce aos outros. Entretanto, é mais belo que seja contra inimigos e estranhos que nos exercitemos em suportar com serenidade as insolências, os arrebatamentos, os motejos, os ultrajes, para habituar nosso humor a permanecer tranqüilo e a não se irritar com as injúrias.

A generosidade para com um inimigo é uma propedêutica para a grandeza moral.

9. Doçura e tolerância: eis o que ostentamos em nossas inimizades. Acrescento que nossa retidão, nossa grandeza de alma, nossa bondade podem aí manifestar-se melhor ainda que em nossas amizades: sem dúvida há menos mérito em prestar um serviço a um amigo do que vergonha em recusá-lo, se ele tem necessidade. Sem dúvida não se vingar de um inimigo, quando a ocasião se apresenta, é humanidade! Mas compadecer-se dele quando está prostrado e assisti-lo quando está na miséria, ter atenções para com seus filhos e ocupar-se de seus interesses que periclitam, o homem que não sente a generosidade de uma tal conduta, que não louva essa virtude, esse,

“de aço ou de ferro é forjado seu coração negro”⁴⁷.

Quando César ordenou que fossem reerguidas as estátuas triunfais de Pompeu que tinham sido lançadas por terra, Cícero disse-lhe: “Reerguendo as estátuas de Pompeu, consolidaste as tuas.”⁴⁸ Em conseqüência, não se deve ser avaro de louvor ou de homenagem a seu inimigo, quando ele merece a reputação que se quer atribuir-lhe. Os que exaltam são mais exaltados; e as censuras dirigidas a um desses uma outra vez inspiram mais confiança, visto que parecem ditadas não pelo ódio do homem, mas pela reprovação de sua conduta. Mas o que há de mais belo e de mais útil é que, tomando o hábito de louvar nossos inimigos, de nos defender de todo rancor e de toda tortura à vista de seu sucesso, nos afastamos mais dessa inveja que excitam em nós com muita freqüência a felicidade de nossos amigos e o sucesso de nossos familiares. Ora, que outro exercício é mais útil para a alma, e melhor a dispõe, que aquele que extingue em nós todo instinto de rivalidade e inveja? Com efeito, assim como na guerra há todas as espécies de necessidades, aliás más, que, tornadas costumes e tendo força de lei, não podem ser facilmente suprimidas, mesmo quando nos contrariam; do mesmo modo a inimizade, pela única razão de introduzir em nós, juntamente com o ódio, um sentimento de inveja, deixa em depósito na sua passagem a desconfiança e o regozijo que vêm do infortúnio dos outros, o rancor enfim⁴⁹. Além disso, quando a maldade, a astúcia, o gosto da intriga, que não parecem ser coisas condenáveis ou iní-

quas com respeito a um inimigo, se insinuam em nossa alma, aí permanecem sem que possamos nos desfazer deles; e o hábito faz que, não sabendo nos preservar de tais defeitos com respeito a nossos inimigos, os empregemos mesmo contra nossos amigos. Se então Pitágoras⁵⁰ tinha razão quando, em seu desejo de habituar os homens a se absterem de toda a violência e de toda exigência cúpida diante dos animais privados de razão, obtinha dos passarinheiros por seus pedidos, e dos pescadores pela compra de suas presas, a liberdade dos pássaros e dos peixes que eles tinham capturado, e proibía matar todo animal doméstico, é certamente bem mais honroso ainda, nas discussões e nas rivalidades que instigam os homens, ser um inimigo generoso, justo e leal, reprimir seus maus impulsos, baixos e perversos, depreciá-los, a fim de ficar inabalável nas relações com os amigos, e abster-se de todo prejuízo contra eles. Escauro, inimigo de Domício, instaurou um processo contra ele. Um servidor de Domício veio procurá-lo, antes que ocorresse o veredicto, parecendo ter para revelar-lhe algum fato que este não conhecia. Escauro não o deixou pronunciar uma única palavra, fez que o detivessem e o mandassem a seu senhor⁵¹. Catão acusava Murena de trama política. Enquanto recolhia as provas, as pessoas, segundo o costume, acompanhavam-no para observar seus atos e não paravam de lhe perguntar se ele tinha a intenção de fazer naquele dia alguma investigação relativa à acusação. Se respon-

dia pela negativa, retiravam-se plenamente confiantes. Era como dar-lhe uma demonstração manifesta do considerável conceito que se tinha de sua probidade. Mas há um testemunho ainda maior e o mais belo de todos: é que, quando nos habituamos a ser justos mesmo para com nossos inimigos, ficamos certos de que jamais seremos acusados de injustiça e de má-fé para com nossos íntimos e nossos amigos.

Prestar homenagem ao mérito de seus inimigos é prestar homenagem ao seu próprio mérito e habituar-se a não ver com inveja a superioridade de seus amigos. É preciso sermos generosos com nossos inimigos, a fim de virmos a sê-lo, com mais prazer e mais assiduidade, com aqueles que amamos. Em suma, os inimigos são um exutório para o mal e um modelo para o bem.

10. Mas pois que, segundo Simônides, “toda cotovia poupada deve ter seu penacho”⁵², e que toda natureza humana comporta em si mesma rivalidade, ciúme e inveja “que corteja os visionários”⁵³, não seria prestar a si mesmo um medíocre serviço aprender a se libertar dessas paixões, lançando-as sobre seus inimigos, e desviar, por assim dizer, seu fétido escoamento⁵⁴ para longe de nossos companheiros e de nossos íntimos. É o que parece ter compreendido um homem político de nome Demos; após uma revolução que tinha trazido o triun-

fo de seus partidários, aconselhou-lhes não banir todos os cidadãos que tinham professado opiniões contrárias, mas poupar alguns deles, “para que”, dizia, “não começássemos a questionar com nossos amigos quando nos tivéssemos livrado de todos os nossos adversários”. Paralelamente, se extinguirmos em nós essas paixões, excitando-as contra nossos inimigos, importunaremos menos nossos amigos. Com efeito, não é preciso “que o oleiro queira mal ao oleiro”⁵⁵, segundo Hesíodo, nem “cantor ao cantor”; e não é preciso também sentirmos inveja de um vizinho, de um parente, de um irmão “apressado em fazer fortuna” e que encontra a prosperidade. Mas se não tens nenhum meio de libertar tua alma das disputas, das invejas, das rivalidades, habitua-te a sentir mordeduras apenas do sucesso de teus inimigos. Ergue contra eles o dardo de tua amargura, amola-o e aguça-o. De fato os bons jardineiros, com a intenção de embelezar rosas e violetas, plantam em sua proximidade alho e cebolas que atraem a substância cujo mau cheiro e amargor poderiam prejudicá-las. Do mesmo modo, quando se lançam sobre um inimigo sua inveja e sua maldade, serena-se diante dos amigos e sente-se menos angústia com seu sucesso. É ainda por essa razão que gostamos de competir com nossos inimigos em glória, poder, proveitos honestos, sem nos limitarmos a esse definhamento do despeito, se eles têm algumas vantagens a mais que nós, e empenhando-nos em ultrapassá-los em vigilância, em

energia laboriosa, em temperança e em autocontrole, à semelhança de Temístocles que dizia que a vitória de Milcíades em Maratona não o deixava dormir⁵⁶. Aquele que se crê ultrapassado pelo seu inimigo no foro, nas funções públicas, na gestão dos negócios do Estado, ou junto de seus amigos e dos poderosos, deixa-se arrastar ao rancor e ao completo desencorajamento, em vez de agir e ostentar rivalidades: para terminar, ele soçobra na ociosidade estéril do homem invejoso! Ao contrário, aquele que não fica cego diante de um inimigo execrável, mas submete a um exame eqüitativo sua vida, seus costumes, suas palavras, seus atos, reconhecerá quase sempre que essa superioridade, invejada por ele próprio, provém da rapidez, da previdência e da sabedoria da conduta de seu adversário. Então, para ser igual a este em amor da glória e do belo, ele redobrará os esforços e lançará para longe a indolência e a moleza.

Os vícios dos inimigos tornam nossas virtudes mais caras.

11. Se, ao contrário, é por lisonjas, artifícios, corrupções ou traições que nossos inimigos parecem ter conquistado, na corte dos príncipes e no governo, um poder legítimo e escandaloso, não nos afligiremos com seu crédito; e será antes uma satisfação

para nós comparar sua conduta com a nossa própria independência, e uma vida pura, isenta de censuras. Com efeito, “todo o ouro que está sobre a terra e sob a terra tem menos valor que a virtude”⁵⁷, diz Platão, e deve-se ter sempre no espírito estes versos de Sólon:

“Pelos bens do mundo trocar a virtude?
Não, jamais!”⁵⁸

Acrescentarei: “nem pelas aclamações com que nos incensam os parasitas no palco da vida, nem pelas honrarias e preeminência nos círculos de eunucos, de devassos e de sátrapas ao serviço dos potentados”. Com efeito, nada é invejável, nada é belo, se nasce da desonra. Mas, pois que “o amor é cego para o que ele ama”⁵⁹, como diz Platão, e visto que nossos inimigos nos fazem bem mais sofrer a torpeza do vício por seus próprios desregramentos, não devemos deixar estêreis nem o prazer que nos dão seus erros, nem o desgosto lúgubre que seus bons êxitos excitam em nós; em consequência, apoiemo-nos nesse duplo exemplo para nos tornarmos melhores que eles evitando sua perversidade, e para rivalizar com seus sucessos sem imitar suas maldades.

DA MANEIRA DE DISTINGUIR O BAJULADOR DO AMIGO

18. La Bruyère, *Les caractères*, VIII.

19. *De adulateore...*, 49 B.

20. *Ibid.*, 51 F.

21. *Ibid.*, 53 C.

22. *Ibid.*, 60 A.

23. *Ibid.*, 50 D.

24. *Ibid.*, 60 C. 23. *Ibid.*, 50 D.

25. *Ibid.*, 52 D-E.

26. *Ibid.*, 49 C. – Gracián, no *Oráculo manual*, mostra que a arte do *heroe*, versão superior do *bajulador*, consiste em saber livrar-se dos infelizes: devemos “conhecer as pessoas felizes para nos servirmos delas, e as infelizes para delas nos afastarmos” (cap. 31).

27. *Ibid.*, 66 A-F.

28. *Ibid.*, 70 D-F.

29. Sobre esta questão, ler-se-á Vladimir Jankélévitch, *Les vertus et l'amour*, I, Paris, 1986, pp. 220 ss.

Como Tirar Proveito de seus Inimigos

1. Cneu Cornélio Pulquério era procurador da Acaia no fim da vida de Plutarco.

2. Sobre a moderação política segundo Plutarco, ler *Praecepta gerendae reipublicae*, 810 B.

3. Curiosidade já assinalada em Plínio, *Hist. nat.*, XI, 28, 99. A obra de Plutarco está repleta de anedotas referentes aos *naturalia*; lê-se por exemplo que o gato tem horror ao perfume (*Conjugalia praecepta*, 144 C-D), que o polvo devora seus tentáculos no inverno (*De communibus notitiis*, 1059 E) ou então que se desventram os ratos das minas para extrair de suas entranhas o ouro que engoliram (*De cupiditate diuitiarum*, 526 B). Sobre todas essas curiosidades, ler a tese de François Fuhrmann, *Les images de Plutarque*, Paris, 1964, p. 59, nota 2.

4. Ler o *De amicorum multitudine*, 96 A *infra*.

5. *Econômico*, I, 15, e *Ciropedia*, I, 6, 11.

6. Tratado dos *Moralia* registrado sob a expressão latina *Praecepta gerendae reipublicae*, 798 A ss. Essa dedicatória a um notável romano, leitor assíduo das obras políticas de Plutarco, traduz da parte do escritor um desejo de recomendar sua obra tanto aos gregos como aos romanos, a fim de enaltecer esse entendimento leal e esse igualitarismo que ele gostaria de ver se instaurar entre os cidadãos dos municípios gregos e a autoridade imperial romana.

7. Ler o *De sollertia animalium*, 964 A e 965 B.

8. *Econômico*, I, 15, e *Ciropedia*, I, 6, 11.

9. Amizade e inimizade recorrem freqüentemente, na obra de Plutarco, a comparações físicas: a amizade que tem sua voz própria, a franqueza, não se deixa afrouxar ao sabor das circunstâncias como uma bolina de navio (*De amicorum multitudine*, 95 F); mas acontece que ela se deteriora como as armas e os utensílios (*De fraterno amore*, 481 E). Os amigos dos ricos assemelham-se a um enxame de moscas errantes afuroando em suas cozinhas; e, quando a alimentação começa a faltar, esses insetos parasitas voam e deixam os lugares vazios (*De amicorum multitudine*, 94 B). Multiplicando demais nossos amigos, somos dignos dessas mulheres devassas que não podem permanecer fiéis a seus primeiros amores, porque se entregam incessantemente a novos (*id.*, 93 CD) ... Sobre essas imagens, deve-se consultar a tese de Fuhrmann, pp. 224 a 226.

10. Versos de Ésquilo, *Prométhée allumeur de feu*. Ver Nauck, *Trag. Graec Frag.* (abreviado em T. G. F.) nº 207.

11. Diógenes, o Cínico. Cf. Diógenes Laércio, VI, 20 ss.

12. Crates de Tebas (não confundir com Crates, poeta cômico do século V, conhecido muito fragmentariamente) foi o aluno de Diógenes. Nascido de uma família rica, abandonou sua fortuna para tornar-se filósofo. Plutarco, que o cita freqüentemente como modelo de renúncia aos bens deste mundo (cf. *De uitando aere alieno*, 831 F), teria escrito, segundo o imperador Juliano (*Or.*, IX [VI], 200 B), uma *Vida de Crates* cujo texto se perdeu.

13. Zenon foi por sua vez discípulo de Crates antes de ser o fundador do estoicismo. Essa anedota foi aproveitada por Plutarco (cf. o *De tranquillitate animi*, 467 C, e o *De Exsilio*, 603 D). Sêneca, o Filósofo, apropria-se dela, por sua vez, em um texto intitulado *A tranqüilidade da alma*. Aí se lê especialmente que, quando ele soube do naufrágio em que tudo que possuía acabava de ser submerso, nosso Zenon disse: "A Fortuna quer que eu filosofe mais à vontade." (*Nuntiatio naufragio, Zenon noster; cum omnia sua audiret submersa: "Iubet, inquit, me fortuna expeditius philosophari."* – *De tranquillitate animi*, XIV, 3.)

14. Linceu, filho de Afareu, pertence à raça dos Perseidas; tomou parte especialmente na expedição dos Argonautas em que foi aproveitado por sua vista penetrante (ele via, por exemplo, através de uma prancha de carvalho). Mitógrafos como Paléfato (*Des histoires incroyables*, X) imaginaram uma interpretação evemerista da lenda de Linceu: ele teria sido o primeiro mineiro que cavou o solo e que, com o auxílio de uma lâmpada, seguiu os filões do metal; teria trazido o minério à luz, e esse ato ter-lhe-ia valido a reputação de ver sob a terra. Ver igualmente Tzetzés, *Commentaires* sobre Licofron (*Alexandra*), edição G. Müller, 3 vols., Leipzig, 1811, 553. Para a tradução da palavra ὀστράκων (terracota, objetos de terracota), retomamos a interpretação de Amyot ("telhas").

15. Ver a imagem do *De fraterno amore* (490 C) em que o indagador indiscreto perscruta no indizível (ὕπορτυτοντα τῶν ἀπορρήτων ἔνιαι).

16. A calma das paixões e a virtude constituem para Plutarco a boa saúde da alma. O amigo sempre estimula o que há de melhor num homem, como um médico que se empenha em manter a saúde (*De adulate et amico*, 61 D); não há de maneira nenhuma necessidade de alimentos supérfluos para um homem são; a razão dá-lhe uma tensão e uma forma excelente com o tempo (*De cobibenda ira*, 453 E).

17. *Ilíada*, I, 255.

18. Ver também *Vida de Demóstenes*, 22, 4.

19. Sobre Cipião Nasica (P. Cornelius Scipio Nasica), filho de Cneu Cornélio Cipião Calvo, ver Tito-Lívio, XXXV e XXXVI.

20. Já citado no *De audiendis poetis*, 21 E.

21. Ésquilo, *Sete contra Tebas*, 593 ss.

22. *Fragmentos*, 229.

23. *Sobre a falsa embaixada*, 208.

24. Eurípides, *Orestes*, 251.

25. Verso tirado de uma peça de Eurípides (Nauck, T. G. F., Eurípides, nº 1086, p. 703), citado igualmente no *De adulate et amico*, 71 F.

26. Não sabemos de que obra de Platão Plutarco toma esta reflexão que cita mais três vezes nos *Moralia* (*De audiendo*, 40 D, *De tuenda sanitate praecepta*, 129 D, e *De cobibenda ira*, 463 E). Pode-se observar que, se a atitude expressa por essa interrogação pode fazer lembrar o preceito socrático "conhece-te a ti mesmo", ela aproxima-se, de preferência, da prática estoica do exame de consciência. Lê-se, por exemplo, no *De ira* de Sêneca: "Os vícios alheios estão diante de nossos olhos, os nossos atrás de nossas costas... Uma grande parte dos homens irrita-se não contra o delito, mas contra os delinquentes. Tornar-nos-emos mais moderados, observando-nos a nós próprios, sondando nossa consciência. Será que também nós não cometemos nada semelhante? Caímos nos mesmos erros? Cabe efetivamente a nós condenar essas práticas?" (II, XXVIII, 8; ver também III, XXXVI-XXXVII).

27. O texto grego precisa: ἀνδροκτόνου γυναικὸς (de uma mulher assassina de seu esposo).

28. Verso tirado do *Alcmeão* de Eurípides (Nauck, T. G. F., *adesp.* nº 358, p. 906).

29. Ver nota precedente.

30. A lampreia (moréia) de Crasso era célebre. Lúcio Licino Crasso, que foi censor em 92 a.C., nada tem a ver com o triúviro.

31. Passo tirado de uma peça desconhecida.